

Editorial

Eis a tese de Lacan: “todo parceiro é sintoma”. É o que nos diz a conferência de Colette Soler, publicada neste número de *Stylus*, segundo e derradeiro da série: *A política do sintoma*, que o leitor tem agora em mãos, promessa da Equipe de Publicação de continuação no mesmo tema, explicitado no Editorial da revista número 22.

Nessas duas conferências, proferidas durante o XI Encontro Nacional da Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano em Fortaleza, Soler trata magistralmente da Repetição e Sintoma que existem para os seres falantes, fazem com que eles sofram, mas que, apesar de solidários e caminharem juntos, não podem ser confundidos.

Para marcar essa diferença, a conferencista faz um longo e consistente inventário das teses lacanianas a respeito desses dois conceitos, dos quais depreende-se o ponto mínimo que nos interessa para esta publicação:

(...) todo o sujeito se define a partir de uma “fixão” de gozo, uma fixão que lhe é própria. Isto quer dizer que o sintoma não pode mais ser pensado como uma anomalia, como uma perturbação da boa ordem. Se há uma anomalia, a única anomalia é a do sujeito dividido e da não relação sexual, mas uma anomalia que é para todo falante não se chama mais anomalia. É a regra.

Todo sujeito cindido se define por um sintoma. Trata-se de um ponto da mais alta relevância para a psicanálise. E o que se pode fazer com isso? – uma das duas importantes perguntas com as quais Soler conclui a sua exposição: “o que se pode fazer com isso graças a uma análise e o que se pode saber disso, uma questão para o passe” –, aponta para a política da psicanálise.

Tratem de não perder o fio da meada concernente ao que somos como efeito do saber. Como efeito do saber, somos cindidos. Na fantasia, ($\$ \diamond a$), S barrado, punção, pequeno a; somos, por mais estranho que isso pareça, causa de nós mesmos. Só que não existe o si mesmo. Há, antes, um “si” dividido. Entrar nesse caminho, é daí que pode decorrer a única verdadeira revolução política.¹

Tratar dessa forma a política da psicanálise é coisa séria, que orientada pela ética legada por Freud e Lacan, tem enorme poder. Tratar o sintoma como regra, que toma na contramão do projeto idealizado e exitoso do sucesso, pode parecer estranho ao discurso corrente, principalmente quando o estado democrático toma por

¹ LACAN, J. *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro* (1968-69/2008, p. 377).

políticas públicas a promessa de felicidade para todos. Mas esse é o principal poder da psicanálise, uma possibilidade de as coisas caminharem de forma satisfatória, longe do imposto como absoluto e único. Ponto crucial para a clínica psicanalítica, para a direção da cura e para a edição deste número da revista *Stylus*, a de número 23.

Para defender esse argumento a Equipe Editorial da *Stylus*, com a colaboração do Conselho Editorial e pareceristas, agrupou neste número uma série de artigos, ensaios e resenhas que tratam com rigor o conceito de sintoma e/ou da clínica psicanalítica e de modo particular de como cada analista orienta a sua prática, sem prescrever técnicas, no que diz respeito aos mais variados sintomas que chegam até eles.

Inicia a série de publicações neste número o ensaio de Ana Laura Prates Pacheco, que dá tratamento à questão da escrita como sintoma ao sintoma como letra, partindo de uma questão introduzida por Lacan no *Seminário 23* de como uma arte pode pretender, de maneira divinatória, substancializar o sintoma em sua consistência, mas também em sua ex-sistência e em seu furo. Para refletir sobre esse ponto a autora toma por referência um filme de Peter Greenway, chamado *O livro de cabeceira*, tomando-o como um caso clínico e dividindo-o em alguns recortes, com o objetivo de transmitir como o conceito de letra no último ensino de Lacan permitirá a reformulação do lugar do sintoma na clínica psicanalítica.

Em seguida, Silvia Amoedo trata da hipótese do sintoma como ruído de alíngua no corpo a partir de dois casos clínicos: *A Mulher do ruído* e o *Homem do ronco* – parodiando o clássico caso freudiano do *Homem dos lobos* – para demonstrar como os sintomas podem ser nomes próprios, respectivamente, dos sujeitos A e B, nomes de gozo do sintoma, identificadores do ser falante, significantes da *alíngua*. Para dar tratamento às questões que se colocam, ou seja, o que se espera de um tratamento analítico e o que se pode escutar na relação analítica, a autora faz referências às fontes freudianas e lacanianas sobre o sintoma e refere-se a belíssimos fragmentos na obra de Clarice Lispector para dizer da impossibilidade de a linguagem dar conta do real.

Elisabeth da Rocha Miranda, na sequência, apresenta um instigante caso clínico em três fases, para tratar o conceito de semblante, como resultado do esforço do simbólico para aprender o real, que fracassa. O caso permite observar a distinção entre a feminização psicótica com o empuxo-à-mulher e a posição feminina. Para a autora, a paciente responde à questão edípica e sintomática com o semblante da coqueteria histérica, com o qual ela busca o olhar do homem, e com o qual consegue fazer o outro desejar, tamponando simbolicamente o real pulsional de seu sintoma vivido na relação com o pai, maneira pela qual poderá nomear posteriormente seu sintoma de conversão.

A seção “Trabalho crítico com conceitos” é inaugurada pelo trabalho de Jairo Gerbase. Sob o título de *Alíngua histórica*, o autor justifica no seu artigo, fundamentando-se em Freud e Lacan a sua hipótese de trabalho, segundo a qual, o campo das neuroses, campo do inconsciente real, é uma espécie de território onde domina uma língua oficial – *alíngua* histórica – da qual as outras formas de sintoma, especialmente a forma do sintoma obsessivo, correspondem a um dialeto. Esse é um texto que não se mostra facilmente e que merece ser estudado para entender essa promoção do discurso histórico à estrutura de todo sintoma e da diferenciação que o autor faz entre a estrutura *da linguagem*, a estrutura *do sintoma* e as formas *dos sintomas*.

No seu livro sob o mesmo título, *A hipótese lacaniana*, Gerbase desenvolve os pontos tratados neste artigo, de forma mais abrangente e precisa, articulando-os com explanação de conceitos e falando de *alíngua* com exemplos, tanto da sua clínica como da vida cotidiana. Para nós, da EPS, tanto quanto para a Andréa Milagres, responsável pela resenha desse livro na última parte da revista, não há dúvida sobre a pertinência desta leitura nos dias atuais. Como ela diz: “Jairo, com o seu estilo claro e conciso, nos ensina a retomar e valorizar a importância da distinção entre neurose e psicose, só que agora a partir da hipótese de *alíngua*”.

Sidi Askofaré, em seguida, retoma e amplia a discussão do sintoma como metáfora e como letra. Para dar conta dessa questão, ele recorre ao conceito de sintoma na obra de Lacan, no movimento que faz passar do significante ao signo, do signo à letra, articulando-os com a lógica da experiência. Problematizando criticamente teses canônicas e suas consequências, o autor depreende que é a clínica psicanalítica do sintoma, que lança luz sobre a metáfora e a letra e ao sintoma no início e no final da análise, respectivamente.

Sobre esse ponto, ou seja, ao que se chega no final de análise, trata o artigo *A certeza do final: identificação ao sintoma*, de minha autoria. Esse trabalho tenta dar conta do fim do processo analítico pelo conceito tardio em Lacan de identificação ao sintoma, ou seja, uma certeza adquirida no fim de um percurso de análise, uma redução, uma possibilidade de poder dizer “esse sintoma sou eu”, sem precisar pedir mais que ele se explique. Para atingir esse objetivo, tomo por referência os últimos seminários de Lacan, nos quais ele demonstra esse fim com o estilo da escrita “joyciana” e elejo versão “manoesca” da escrita – com o intuito de verificar os sinais do fim que se observam na clínica cotidiana.

Maria Vitória Bittencourt abre a seção “Direção do Tratamento”. Ela inicia o seu trabalho reconhecendo que abordar a psicanálise com as crianças coloca sempre a questão de sua especificidade, sobretudo quando se trata de crianças que começam a falar. Mui-

tos pontos podem ser interrogados para diferenciá-la da psicanálise com adultos, diz Maria Vitória. Para realizar esse intento, ela retoma o conceito de sintoma para discutir a pertinência dessa distinção e seus efeitos no manejo da transferência. Como instrumento de transmissão, ela apresenta o caso de um menino que assume na transferência a posição designada pelo desejo da mãe, que mesmo cuidando do filho, deixou uma marca do seu esquecimento particularizado, manifestada em isolamento e indiferença.

Na sequência, temos o texto de Conrado Ramos que, com o objetivo de tentar formalizar algumas questões sobre a passagem do sintoma do início de uma análise ao que se apresenta no final, nos apresenta com ricos elementos de material clínico, trabalhando-os de maneira interessante na dialética entre a questão das superfícies e da nodalidade, colocando tensões com os elementos dos últimos seminários de Lacan. Constata-se que o questionamento topológico orienta o autor na sua escuta e posição enquanto analista e acompanha-se a instigante demonstração da mudança na posição do sujeito desse caso clínico diante do gozo.

A proposta central do texto da Lenita Duarte foi a de pesquisar se a dermatite atópica apresentada por uma criança em questão deveria ser tomada como sintoma ou como um fenômeno psicossomático. Para tentar responder a essa questão, a autora desenvolve detalhadamente, na primeira parte do trabalho, o conceito do sintoma e em seguida discorre sobre o fenômeno psicossomático. Apesar de não receber estatuto de sintoma freudiano, o FPS atesta uma incidência do significante no real muito perturbadora, uma marca que se imprime no corpo em qualquer uma das estruturas clínicas, que constitui um dos grandes enigmas para a psicanálise, o que justifica a publicação nesta revista.

Para finalizar essa seção, contamos com o artigo, de autoria da Heloísa Ramirez e Tatiana Assadi, que também trata de um fenômeno psicossomático. Após a apresentação da narrativa do caso, as autoras apresentam as dificuldades clínicas de trabalhar com esse tipo de queixa como sendo da ordem do fenômeno e apontam a possibilidade clínica com esses pacientes, orientadas pela recomendação de Lacan de abordar o psicossomático pela revelação do gozo específico que há na sua fixação. De que gozo específico se trata no psicossomático? É dando resposta a essa questão que o trabalho dá sua contribuição ao campo de saber da psicanálise.

Por fim, encerra esta revista a resenha de Christian Dunker sobre a *Coleção Ato Psicanalítico*, iniciativa da editora paulista *Anna-blume*, que já possui três volumes no mercado e já tem três lançamentos previstos para 2011, todos produtos de pesquisa atual em psicanálise e/ou de autores consagrados. Acompanhamos, nessa resenha, a instigante tentativa de Dunker, diretor da Coleção, em

reintroduzir o debate “do real que está em jogo na formação de cada psicanalista, do ponto de vista de sua inserção no debate público, que condiciona sua existência social, epistêmica ou política”.

Vale a pena conferir o argumento desenvolvido por esse colega, que contribui para a divulgação da política da psicanálise na *Pólis*, as publicações mencionadas na seção “Resenha” e essa nova publicação da *Stylus*, *A política do sintoma II*, que ora temos em nossas mãos, que merece ser lida e estudada juntamente com *A política do sintoma I*. Certamente, uma efetiva contribuição da psicanálise ao debate público e à consequente capacidade de absorção de seus temas, dificuldades e contratempos.

Silvana Pessoa

